

O FAZER POÉTICO DE RIVERA SOB O OLHAR DA POESIA DRUMMONDIANA

Anderson Ibsen Lopes de SOUZA (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Crato, anexo Umirim)

RESUMO: o presente artigo tem como objetivo a análise da poesia de Bueno de Rivera sob o olhar do fazer poético drummondiano. A abordagem de sua poesia nos indica que, embora esta esteja vinculada cronologicamente à terceira fase do Modernismo, apresenta ela algumas características que a distancia do materialismo e do rigorismo marcantes do referido período literário. A nossa pesquisa trata-se de uma análise investigativa, onde nos utilizamos do método estilístico e do hermenêutico como forma de desvelar os mistérios da linguagem plurissignificativa da poesia de Rivera. A passagem do ôntico ao ontológico, a revelação dos sofrimentos e angústias humanas, além de outras temáticas abordadas pelos maiores expoentes da geração de 30, como é o caso de Drummond, pode ter proporcionado ao poeta em apreço um ponto de partida para todo o intimismo e sentimentalismo expostos em seus poemas, repletos de teor ontológico mesclado à temática mineira.

PALAVRAS-CHAVE: Bueno de Rivera. Subjetividade. Poesia mineira.

A região das Minas Gerais sempre apresentou, ao longo de sua história, uma literatura especial, particular em sua temática, de teor intimista, reveladora do ânimo daquele povo. Habitantes de uma vasta região mediterrânea, os mineiros parecem ter adquirido uma formação moral peculiar em virtude desta constituição geográfica na qual estavam inseridos, vivendo na solidão dessas terras infindas e montanhosas. Fácil é de se observar que “o mineiro é paciente como a eternidade das montanhas, de seus rios e seus vales” (OLIVEIRA, 1963, p. 26), como se houvesse uma ligação mística entre o povo e o seu habitat.

Dessa ligação saiu uma literatura transcendental, que assumiu uma característica espiritualista dada a emotividade ali contida, à preocupação com o valor ontológico tida pelos seus autores, que muitas vezes procuravam denunciar um mundo injusto e desumano, ou apenas atestar a felicidade de uma vida calma e religiosa.

Minas sempre foi um reduto de artistas de marca maior, que entraram para a história da literatura brasileira como inovadores, diferenciados e grandiosos. Muitos são os nomes que surgem nesse cenário, destacando-se a tendência espiritualista que, acentuada no Modernismo, veio a dominar a literatura local.

É na terceira fase modernista que vemos surgir uma figura que, recebendo toda essa influência literária desenvolvida em Minas, traz mais uma vez a literatura intimista para o contexto artístico: estamos falando do poeta mineiro Odorico Bueno de Rivera, oriundo da cidade interiorana de Santo Antônio do Monte, que publicou sua primeira obra, *Mundo submerso*, já no ano de 1944, sendo assim uma espécie de precursor dessa nova fase. Pertencente cronologicamente a uma geração normalmente tida como materialista, Rivera no mais das vezes procura realizar uma poesia vazada de sentimentalismo e emotividade, buscando o vago e o impreciso como forma de expressão daquilo que sente.

Utilizando-se de uma linguagem simbólica, de forte apelo visual, Bueno de Rivera expõe os seus sentimentos, sejam estes oriundos de reminiscências ou da sua compaixão para com o mundo, de uma maneira acentuadamente humana. Autor de apenas três obras (*Mundo submerso*, de 1944; *Luz do pântano*, de 1948; e *Pasto de Pedra*, de 1971), traz ele toda a força da poesia intimista, em que a vertente espiritualista se evidencia nas atitudes e intenções do poeta, na sua preocupação com o sofrimento da raça humana, escrevendo assim como depreende cada um desses fatos retirados do cotidiano, o que faz surgir uma bela linguagem poética e metafísica.

É de se perceber que Rivera acaba por assimilar muito do que foi trabalhado por vários poetas mineiros, os quais estavam engajados nessa luta transcendental, em especial nas duas décadas anteriores, isto é, a de 20 e a de 30, quando em Minas houve o surgimento de grupos em busca da renovação artística, da mesma forma como ocorrera em São Paulo, reunindo vários nomes, dentre os quais se destacam “Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, João Alphonsus, Pedro Nava, Abgar Renault” (COUTINHO, 1997, p. 128), além de Rosário Fusco, Enrique de Resende, Ascânio Lopes, entre muitos outros de elevada estirpe.

Muitos são os pontos de contato que podemos entrever, através de um método comparativo, entre a poesia de Rivera e a de um dos maiores nomes (se não o maior) da literatura modernista: Carlos Drummond de Andrade. O autor de *Claro enigma*, em sua incessante busca da retratação elementar das coisas e desvelamento do drama humano, influencia não apenas o poeta em questão, mas inúmeros escritores que apareceram após ele, com a sua maneira simples e humilde de ver o mundo, de vertente humanista.

Influenciou, assim sendo, também a Rivera, tanto nas suas duas primeiras obras, as quais trabalharam o sentimentalismo e o subjetivismo, quanto na terceira, em que o telúrico se faz marcante. Mas esta influência, deixemos claro, não desmerece em nada a poesia do autor em apreço, pois que esta se dá a nível temático, como uma tendência que se generalizou, sendo evidenciada em sua região, no mesmo período e em momentos posteriores, por vários outros poetas, não se constituindo, portanto, em uma poesia restritamente derivada da do poeta itabirano, mas tão somente similar à maneira como este desenvolveu suas idéias. O vocábulo “influência”, aqui, não tem, pois, o sentido negativo, mas quer afirmar que essa tendência foi válida e muito interessante em relação ao processo construtivo da poesia brasileira.

Rivera assume-se, assim, como “um negro poço do tempo e da memória” (*Luz do pântano*, p. 109), assim como Drummond fora o *gauche*; ambos solitários, tristes e compassivos. Bem retratam esse modo de ser os seguintes versos retirados de *Luz do pântano*:

Homens duros e amargos, oriundos
de solidões calcáreas, escondemos
nosso protesto na ironia indócil,
não cortante como lâmina, mas pungente
como anedota de loucos, confissões
de bêbedo, música de cego. (RIVERA, 1948, p. 110)

Na poesia de Drummond deparamo-nos com um eu lírico que sempre nos traz uma nova visão acerca da vida e dos acontecimentos banais, dando-nos mais perspectivas diante do mundo, como acontece em “Soneto da Perdida Esperança”, em que o poeta inicia dizendo:

Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil e nenhum auto
passaria sobre meu corpo. (ANDRADE, 1988, p. 47)

Também Rivera assume um posicionamento similar, buscando nos elementos simples, nos fatos do cotidiano, um exemplo a ser colocado para explicar a existência e os sentimentos humanos, para nos ensinar aspectos sobre a nossa própria condição existencial. Como Drummond, que no poema citado faz uma associação entre um fato do acaso – perder o bonde – e o sentimento daí advindo – a perda da esperança –, o poeta de Santo Antônio do Monte

assume característica semelhante, abrindo os nossos olhos para a complexidade da vida, desvendando assim o que já havia se tornado automático para nós, ou melhor, o que, pela cotidianidade, não se permitia mais ser analisado com tal apuro.

Vejamos os últimos versos do poema “O Poeta na Sapataria Aquário”:

Vejo os pés em mergulho,
dedos de esponja,
saltos de coral e espuma.
Rolam as salamandras sob a perna,
sob a liga, a meia e o corpo vário.
A moça e o emprego, o homem e a fábrica,
a mãe e o hospital.

Pago o embrulho, busco a rua e as pedras.
Dói o calo, dói o mundo... (RIVERA, 1948, p. 89)

Guiados pelos preceitos do crítico Umberto Eco, que no seu livro *Obra aberta* preconiza que uma obra de arte “não poderá ser realmente compreendida se o intérprete não a reinventar num ato de congenialidade com o autor” (2001, p. 41), sentimo-nos capaz de interpretarmos o conteúdo velado dos versos citados, guardando, entretanto, um certo comedimento, para não incorreremos no erro de atingirmos a super-interpretação. Assim sendo, podemos afirmar que o poeta, encontrando-se em uma sapataria, observa os artigos da loja, chegando ao final do poema com múltiplas relações formadas espontaneamente: entre “a moça e o emprego”, ou seja, a atendente e o seu cargo; “o homem e a fábrica”, que poderia ser qualquer comprador e, do outro lado, o trabalho que lhe dá a subsistência e a oportunidade de comprar o artigo; “a mãe e o hospital”, possivelmente o duelo mental travado pelo comprador em virtude de inúmeros outros gastos mais importantes de sua responsabilidade; e por fim, todos esses personagens entre si, cada um com sua realidade e o seu cotidiano (a atendente na sapataria, o operário na fábrica e a mãe no hospital), mas se encontrando ali, naquele local (mesmo que a terceira personagem, a mãe, esteja ali apenas por um processo mental).

Para o crítico de arte literária Antonio Candido, “é uma constante não desmentida de toda a nossa evolução literária, que a verdadeira poesia só se realiza, no Brasil, quando sentimos na sua mensagem uma certa presença dos homens, das coisas, dos lugares do país” (2000, p. 128-9). Em relação à poesia de Bueno de Rivera, poderíamos dizer que ela traz essas características, sendo bastante intimista; procura adentrar no intrínseco do ser humano e captar, nas cenas do cotidiano, a realidade. Define-a bem uma citação retirada de um suplemento literário de Minas Gerais, em que temos as características de sua poesia:

Os seus poemas refletem um humanismo profundo e uma compreensão da realidade do cotidiano, impressionantes. A sua poesia traz quase sempre aquele singular hermetismo do senhor Carlos Drummond e um subjetivismo sentimental exuberante, buscados, talvez, na experiência dos acontecimentos, sabendo mesmo tirar de fatos da vida comum, expressões estéticas de um transcendentalismo significativamente metafísico. É uma poesia intensa e extraordinariamente interiorizada. (MACHADO FILHO, 1984, p. 04)

Claro é, pois, que alguma semelhança há entre o fazer poético de Rivera e o de Drummond, especialmente em relação a esse subjetivismo metafísico, que origina poemas

herméticos sem que estes, contudo, se tornem demasiadamente fechados para o entendimento. Versos sentimentais, mas ao mesmo tempo sóbrios, medidos, muito bem trabalhados, é o que se pode encontrar em Rivera, similar à poética drummondiana; é como se este houvesse passado o seu legado às gerações futuras, tendo aquele recebido parte desse estilo.

Como um *vate*, vem Drummond como que, se não explicando, ao menos evidenciando esse modo de escrever, de realizar uma poesia intimista:

Antes de mim outros poetas,
depois de mim outros e outros
estão cantando a morte e a prisão (ANDRADE, 2003, p. 40)

Bueno de Rivera foi, então, um dentre esses poetas que vieram depois do autor de *A rosa do povo*, trabalhando o sentimentalismo, procurando retratar as angústias que fazem parte da vida de todos nós, trazendo para o campo artístico a dor e a aflição, em uma espécie de revelação do homem para ele próprio. Mas, como o poeta itabirano explica no trecho citado, esse é um tema já anteriormente a ele trabalhado, sendo trabalhado no momento em questão pelo mesmo, e a ser trabalhado por outras gerações (aparecendo aí a figura de Bueno de Rivera), não sendo mérito exclusivamente seu, assim sendo, o fato de Rivera se utilizar desse tipo de literatura a que chamamos de espiritualista.

Rivera e Drummond tentaram expressar-se através de uma arte dramática. Este apresenta uma “busca de solução para os problemas do mundo e o conflito decorrente da consciência de suas limitações” (TEIXEIRA, 2003, p. 32); aquele, registra em sua poesia “o protesto, a palavra de fel, o amargo estertor coletivo” (RIVERA, 1948, p. 62). Encontramos maior proximidade ainda entre ambos quando entramos em contato com a definição do fazer poético de um deles, pois os aspectos muitas vezes são iguais. Observemos como exemplo as palavras de Carlos Augusto Viana sobre a poesia de Drummond:

Independentemente do ângulo por que seja abordada, sempre se ressalta nela a grandeza do poeta que, com gravidade, mergulha nas profundezas da condição humana, investigando, por meio da incisão de sua palavra, com que chega à maturidade estética, o espetáculo da vida: as dores individuais, a solidão das metrópoles, a infância, a terra, a família, o amor, as indagações metafísicas, a problemática da palavra, o cotidiano, a questão social. (VIANA, 2003, p. 13)

A mesma definição dada a Drummond poderia servir a Rivera sem nenhum receio de incorrermos em erro, pois assim também fora o poeta de Santo Antônio do Monte, preocupado com a sua região e com a condição humana, com o sofrimento dos homens em geral. Analisemos na íntegra o poema “O Açogue” para que possamos compreender alguns dos aspectos poéticos de Rivera ali contidos e confrontemo-lo, se possível, com a temática trabalhada por Drummond:

Apenas na sombra tranqüila
o açogue aceso.

Os pés do boi sem caminhos,
os olhos do boi sem paisagens.

Ah! a fazenda da infância,

o banho no rio, o leite,
serenas pastagens, o gado
dormindo em paz entre as árvores.

Boi heróico,
boi amigo, boi morto.

A mosca, como um desejo,
entre as carnes e a lâmpada.

Mundo mau, matança fria
de inocentes.
Homens e bois resignados... (RIVERA, 1944, p. 62)

No poema em questão, publicado em sua primeira obra, Bueno de Rivera vem trazendo uma temática que seria por ele bem mais explorada com a obra *Pasto de pedra*, em 1971, que é a questão do gado bovino. Entretanto, mais que isso, vem o seu autor mesclando, junto ao tema pastoril, a problemática da existência humana e toda a sua complexidade. É o poema de uma forte busca ontológica, pois nele o homem se depara com seus medos e receios, com a própria condição de ser, possibilitando uma auto-busca, uma análise transcendental, na qual vida e morte estão presentes, assim como as atitudes humanas.

O eu lírico, vendo-se em um açougue, como o título já deixa explícito, percebe o boi morto, e a partir daí realiza uma transcendência mental, mostrando-nos que apesar de pés e olhos estarem ali, nada mais podiam fazer. E é com esses pensamentos que o eu lírico acaba por voltar ao seu tempo de infância, lembrando-se da “fazenda”, do “banho no rio”, do “gado”, etc., de uma forma saudosista e nostálgica. Para ele, a figura do boi acaba por se tornar mais que um simples elemento constituinte de suas reminiscências; ele é o “boi heróico”, o “boi amigo”, que assim como inúmeros mártires que a história nos dá, até mesmo a história mineira, lutando em prol da humanidade, e pelas mãos desta morrendo, torna-se então o “boi morto”.

É interessante ainda a associação que o poeta faz entre uma mosca que se encontra por sobre as carnes do boi e o desejo deste, fazendo com que, através dessas representações, percebamos a grandiosidade das conjecturas a que podemos chegar a partir de um simples elemento. É claro que não podemos assegurar que o boi tinha realmente um “desejo” em vida; porém, a partir de uma humanização do boi, fazemos tal comparação, pois assim como a mosca voa, da mesma forma é o desejo: por pequeno e insignificante que seja, ele é livre, capaz de voar e atingir alturas inimagináveis.

Na exegese textual, poderíamos ainda perceber, no movimento da mosca “entre as carnes e a lâmpada”, a luta íntima que os seres travam entre matéria e espírito. Livre, o desejo busca a luz, o ponto alto, magnífico, a essência do ser, a supremacia da vida, a divindade.

Essa poesia envolvendo o gado bovino é uma grande característica da poesia mineira, podendo observarmos tal temática em décadas posteriores às primeiras obras de Drummond e Rivera, como nos seguintes versos do mineiro Pascoal Motta:

eu vi na cara tão triste
do boi cortado no açougue:
tinha a expressão do que fica
em dor de fina agonia (in: BRASIL, 1998, p. 158)

impregnando o poema com uma fina sensibilidade oriunda dessa personificação bovina. O boi acaba por adquirir características peculiares aos seres humanos, apresentando sentimentos como a tristeza, e levando-nos ao compadecimento desse ser pela aproximação que ele passa a ter com cada um de nós.

A poesia de Rivera, entretanto, é mais que isso; o seu ponto alto é dado pelos últimos versos, quando percebemos a verdadeira intenção do poeta: ele não quis falar especificamente do boi ou afirmar que seria perversidade o seu sacrifício para a alimentação humana. Mais que isso, quis ele ligar o boi e o homem, indicando um destino trágico e comum a ambos. É mais que uma preocupação com o boi; é a preocupação com o próprio ser humano, tanto com sua inocência e resignação, de um lado, quanto por sua maldade, de outro.

Ainda na década de 40, a poesia de Rivera já trazia essa vertente de forma sublime, tendo o boi como a figura central. Entretanto, o poeta de Santo Antônio do Monte não usou o boi somente nesse intuito: em vários poemas seus este animal aparece como o ser resignado, sem defesas, do qual o homem aproveita de tudo; é o “boi congelado/ frio empacotado/ frigorificado” (RIVERA, 1971, p. 10), é o “boi de carro/ boi de corte” (ibidem, p. 09) da “região dos ubres” (ibidem, p. 09). É esse boi que nos leva mentalmente até Minas, onde o urbano ainda assume, por vezes, características rurais.

É nesse caso que a atitude tomada por Rivera assimila-se mais ainda, dentre as obras de Drummond, a *Boitempo*, livro em que o poeta procura retratar a sua visão diante da cidade pequena em que vivia, despertando emoções espontâneas a partir dos elementos que fizeram parte de sua vida.

Entardece na roça
de modo diferente.
A sombra vem nos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria. (ANDRADE, 1989, p. 46)

O que mais une os poetas não é simplesmente o aspecto conteudístico, e sim a forma que encontraram de repassar o que depreenderam do mundo. No exemplo citado nota-se esta característica, pois o poeta, recebendo a realidade através de seus olhos, transmite-a não conforme a referida realidade se apresenta em sua forma universal, mas de maneira peculiar, passada primeiramente pelo seu crivo de artista e por isso mesmo modificada a seu gosto. É como o próprio Drummond explica no prefácio de sua obra: “Tenho certa dificuldade de recuar, de sair de mim mesmo e me observar como pessoa”, afirmando com isso que o que escreve é mais algo saído do seu íntimo que “poesia pensada, cerebral” (ANDRADE, 1989, p. 01).

A ligação entre Rivera e Drummond é atestada por vários críticos brasileiros, como é o caso de Milton de Godoy, que na sua *Antologia poética da geração de 45* afirma:

Bueno de Rivera mantém o seu nome como um dos mais importantes da geração neomodernista; libertando [sic], com “Luz do Pântano”, da influência drummondiana, soube com toda autenticidade revelar sua força criadora, tanto no campo social, como no poema amoroso, dentro de uma linguagem exata e rigorosa. (CAMPOS, 1966, p. 21)

Além de fazer referência a uma certa descendência drummondiana em relação à poesia de Rivera, Godoy Campos também deixa claro que o autor de *Pasto de pedra* passara por uma evolução, sendo criador de um fazer literário autêntico.

A poesia de Bueno de Rivera coaduna-se com a poesia mineira como um todo, tanto com aquela anterior ao seu surgimento no cenário literário como poeta, quanto com a posterior à sua última publicação. Poesia intimista, que procura retratar as cenas do cotidiano e confrontar, de forma mágica, passado e presente em um único espaço temporal. Os elementos que fazem parte daquela cultura, bem como o modo de ser dos habitantes daquele estado, estão (e estarão provavelmente sempre) ali representados, com uma acentuada nostalgia em virtude dos dias – e com estes, pessoas e sentimentos – perdidos.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Literatura comentada**. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Rita de Cássia Barbosa. – 2ª ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **Antologia poética**. – 5ª ed – Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Boitempo**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 1989.

BRASIL, Assis. **A poesia mineira no século XX**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

CAMPOS, Milton de Godoy. **Antologia poética da geração de 45**. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v. 5. São Paulo: Global, 1997.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Trad. Giovanni Cutolo. 8ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. in: Suplemento Literário de Minas Gerais. Belo Horizonte – ANO XIX – Nº 943 – 12 páginas. Governo do Estado de Minas Gerais. Sábado, 27 de outubro de 1984, p. 4.

OLIVEIRA, Martins de. **História da literatura mineira**. 2ª ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1963.

RIVERA, Bueno de. **Mundo submerso**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1944.

_____. **Luz do pântano**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1948.

_____. **Pasto de pedra**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.

TEIXEIRA, Álder. **Drummond: componentes dramáticos**. Fortaleza: Premius, 2003.

VIANA, Carlos Augusto. **Drummond: a insone arquitetura**. Fortaleza: Editora UFC, 2003.